

Graus de integração entre os verbos da perífrase V1 (E) V2 em uma perspectiva de interface variação- gramaticalização

*Degrees of attachment between
the verbs of periphrasis V1
(E) V2 from a variation-
grammaticalization interface
perspective*

Maria Alice TAVARES (UFRN)
aliceflp@hotmail.br

Recebido em: 30 de jan. de 2018.
Aceito em: 16 de maio de 2018.

TAVARES, Maria Alice. Graus de integração entre os verbos da perífrase V1 (E) V2 em uma perspectiva de interface variação-gramaticalização. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 381-400, maio/ago. 2018.

Resumo: Neste texto, à luz de uma perspectiva de interface variação-gramaticalização, abordo o uso dos verbos IR e PEGAR na perífrase V1 (E) V2, em que V2 é o verbo principal e IR e PEGAR são os verbos gramaticais auxiliares cuja função é indicar aspecto global. Quanto mais integrado estiver o verbo auxiliar ao verbo principal, mais avançado estará o processo de gramaticalização do verbo auxiliar. Com o objetivo de mensurar o grau de integração entre PEGAR e IR a V2 em diferentes comunidades de fala, analisei três fatores: presença da conjunção E entre V1 e V2, presença de pausa entre V1 e V2 e presença de material interveniente entre V1 e V2. Utilizei dados extraídos dos *corpora Discurso & Gramática* de Natal (RN) e do Rio de Janeiro (RJ), e do *corpus* do Banco de Dados VARSUL de Florianópolis (SC). Os resultados, obtidos através de análise quantitativa, mostram que: (i) em Natal, o comportamento de IR e de PEGAR é similar; (ii) no Rio de Janeiro, IR é mais frequente em perífrases sem a conjunção E e sem pausa, o que indica um maior grau de integração a V2; (iii) em Florianópolis, é PEGAR que manifesta um maior grau de integração a V2. Essas diferenças revelam um maior avanço do processo de gramaticalização de IR no Rio de Janeiro e de PEGAR em Florianópolis. Em Natal, a gramaticalização de ambos os verbos parece estar no mesmo estágio.

Palavras-chave: Variação. Gramaticalização. Perífrase V1 (E) V2.

Abstract: In this article, under the light of a variation-grammaticalization interface perspective, I address the usage of verbs IR (GO) and PEGAR (TAKE) in periphrasis V1 E (AND) V2, in which V2 is the core lexical verb and IR and PEGAR are the auxiliary grammatical verbs V1 codifying global aspect. The more attached the auxiliary verb is to the main verb, the more advanced is the auxiliary verb grammaticalization process, I aim to assess the degree of attachment between PEGAR and IR to V2 in distinct speech communities. For that, I analysed three factors: presence of the conjunction E between V1 and V2, presence of pause between V1 and V2 and presence of intervening material between V1 and V2. I made use of speech data drawn from Discourse & Grammar corpora from Natal (RN) and Rio de Janeiro (RJ), and from VARSUL Data Base of Florianópolis (SC). The results, obtained through quantitative analysis, show that: (i) in Natal, IR and PEGAR exhibit similar behavior; (ii) in Rio de Janeiro, IR is more frequent in periphrases without conjunction E and without pause, which evinces a greater degree of attachment to V2; (iii) in Florianópolis, it is PEGAR that displays a greater degree of attachment to V2. These differences point to a further advance of the grammaticalization process of IR in Rio de Janeiro and of PEGAR in Florianópolis. In Natal, the grammaticalization of both verbs seems to be at the same pace.

Keywords: Variation. Grammaticalization. Periphrasis V1 E (AND) V2.

Introdução

Em uma perspectiva de interface variação-gramaticalização, analiso o emprego dos verbos IR e PEGAR na indicação de aspecto global na perífrase V1(verbo auxiliar) (E) V2(verbo principal) (doravante V1 (E) V2) com foco no grau de integração entre V1 e V2.

Fiz uso de dados de fala de três comunidades brasileiras, extraídos dos *corpora Discurso & Gramática* correspondentes às cidades de Natal (RN) e do Rio de Janeiro (RJ), e do *corpus* do Banco de Dados *Variação Linguística da Região Sul* (VARSUL) correspondente à cidade de Florianópolis (SC).

Vejamos algumas ocorrências:

- (1) Mas a cidade não tinha dinheiro pra fazer essa festa, então o prefeito disse: “Cada pessoa vai trazer um copo de vinho branco e de- derramar no barril que vai ficar no centro da cidade.” Aí o cara muito sabido, né? pensando que o resto tudinho ia botar vinho branco, **pegou e disse**: “Eu vou botar é- eu vou botar é água porque é parecido com o vinho branco, ninguém vai notar.” (Discurso & Gramática /Natal)
- (2) É engraçado que o brasileiro é muito otimista, acha que pior não pode ficar, e acaba sempre ficando, né? Foi- foi o Sarney, né? Tipo, todo mundo votou no Tancredo, o Tancredo **vai e morre**, aí fica o Sarney pra bagunçar toda a economia. (Discurso & Gramática /Rio de Janeiro)

- (3) **E:** Vamos sonhar um pouquinho, C. A. Se tu ganhasse na loto? O que tu farias?
F: Ah, eu faria muita coisa! Primeira coisa é comprar altos apartamentos, né? Ia fa- ia fazer um quarto bem bolado. (...) Aí, também, eu **pegava comprava** um outro vídeo-game pra mim ou ficava com o meu, comprava televisão, comprava vídeo-cassete, computador pra mim, não tem? (VARSUL/Florianópolis)
- (4) Aí a diretora chegou lá e foi falar lá, dar uma prensa na gente, né? Aí a minha colega foi- não estava parando de falar. Aí a professora falou- a diretora disse: “Cala a boca.” Aí ela foi e falou- a pessoa que me contou disse que não ouviu, né? o que ela disse. E aí a diretora **foi mandou** ela ir para o gabinete, depois ela subiu, pegou a mochila e foi embora. (Discurso & Gramática /Rio de Janeiro)

Uma alta integração entre um verbo auxiliar e um verbo principal em uma dada perífrase é evidência de que esse verbo auxiliar está avançado em seu processo de gramaticalização. Com o objetivo de mensurar o grau de integração entre os verbos componentes da perífrase V1 (E) V2, elegi três fatores: presença da conjunção E entre V1 e V2, presença de pausa entre V1 e V2 e presença de material interveniente entre V1 e V2.

A expectativa era de que os resultados trouxessem indícios de que um dos verbos que ocupa a posição de V1 estaria mais gramaticalizado no sentido de manifestar maior coesão com V2. Essa maior gramaticalização poderia ocorrer na mesma extensão em todas as comunidades de fala, mas não necessariamente, visto que uma mudança pode ocorrer em ritmos distintos em diferentes localidades (LICHTENBERK, 1991).

A comparação de resultados provindos de Natal, Rio de Janeiro e Florianópolis traz contribuições para a ampliação de conhecimentos sobre a variação e a mudança de perífrases verbais no português brasileiro em uma perspectiva comparativa. O cotejamento entre comunidades de fala é necessário para a descoberta de semelhanças e diferenças quanto ao comportamento de um mesmo fenômeno variável em diferentes dialetos brasileiros¹. Isso permite, no caso do fenômeno objeto deste

¹ Uma comunidade de fala pode ser definida como um agrupamento de “indivíduos que compartilham não necessariamente dos mesmos traços linguísticos, mas sim do mesmo juízo de valor acerca desses traços, e os reconhecem como legítimos para a identificação do grupo” (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 922).

estudo, a obtenção de um quadro mais preciso sobre o desenvolvimento continuado dos percursos de gramaticalização de IR e PEGAR como aspectualizadores globais.

Na próxima seção, dedico espaço à natureza da função desempenhada por V1 na construção V1 (E) V2, sintetizando a proposta de Coseriu (1977) a esse respeito. A seguir, trato da questão da vinculação entre IR e PEGAR a V2 na perífrase V1 (E) V2 do ponto de vista da interface variação-gramaticalização. Na sequência, exponho os procedimentos metodológicos adotados e, nas seções posteriores, apresento a análise dos resultados e delineio as considerações finais.

Perífrase V1 (E) V2: a questão da função

A perífrase V1 (E) V2 corresponde a um sintagma verbal composto por um verbo auxiliar (V1) e um verbo principal (V2), entre os quais é facultativa a utilização da conjunção coordenativa E (cf. ocorrências de (1) a (4)). Essa perífrase se faz presente na grande maioria das línguas europeias, incluindo o português europeu (COSERIU, 1977).

Merlan (1999) mapeou seis verbos que são utilizados no papel de V1 no português europeu: PEGAR (que pode vir ou não acompanhado de um pronome reflexivo tônico em caso preposicional: *pegar em si.*), AGARRAR (ou *agarrar em si* ou ainda *agarrar-se*), IR (que é menos frequente que os dois primeiros e aparece preferencialmente com verbos de elocução), CHEGAR (que parece ser regional), TOMAR e ANDAR (que são raramente utilizados). No português brasileiro, foram identificados os seguintes verbos: IR, VIR, CHEGAR, VIRAR e PEGAR (DUTRA, 2003; RODRIGUES, 2006, entre outros).

A função de V1 ainda não foi bem estabelecida. Para cada proposta feita, encontram-se ocorrências que representam exceções². Devido a peculiaridades de seu comportamento morfossintático e semântico-pragmático que dificultam sua classificação, os verbos em apreço têm recebido denominações variadas, a exemplo de realçadores ou enfatizadores/dramatizadores do evento codificado pelo segundo verbo (DUTRA, 2003; RODRIGUES, 2006), indicadores do desenvolvimento de eventos narrados (COLAÇO, 2010), marcadores de tomada de iniciativa (BORBA, 2002), projetores de um traço de /+impulso/ sobre V2 (MERLAN, 1999), introdutórios de espaços mentais de agentividade (SIGILIANO, 2008), entre outras.

² Para uma discussão a respeito de algumas dessas propostas, confira-se Tavares (2009a).

Assumo, em linha com Coseriu (1977), que a função desempenhada por V1 relaciona-se à noção de aspecto global. Coseriu (1977) considera a construção do espanhol TOMO Y (ME) VOY (PEGO E (ME) VOU) uma locução idiomática ou perífrase paratática (copulativa ou assindética) em que o verbo TOMAR (PEGAR) é um verbo auxiliar que indica aspecto global³. O autor lista dez verbos que podem desempenhar o papel de V1 nas diferentes línguas europeias sobre as quais tece comentários. São eles: verbos equivalentes a PEGAR, AGARRAR, IR, VIR, ESTAR, SENTAR-SE, PÔR-SE, SER, CHEGAR, SALTAR, INCITAR-SE (ANIMAR-SE) e VIRAR. Algumas línguas recorrem a mais de um desses verbos para preencher o papel de V1, mas nenhuma possui o conjunto completo.

No que se refere ao espanhol, a menção mais antiga encontrada por Coseriu (1977) é datada de 1535:

Otros se sirven de *tomé* y de *tomamos*, dizendo: *tomé* y *vineme* y *tomamos* y *vinimos*, y si les preguntáis qué es lo que tomaron, no os podrán dezir com verdade sino que aquel vocablo no sirve sino para um malo y feo arrimo (Juan de Valdés, Diálogo de la lengua, 1535) (COSERIU, 1977, p. 79).

Seguindo a direção sinalizada por Keniston (1936), Coseriu (1977) propõe que a perífrase [V1 (E) V2] indica aspecto global, isto é, indica que o evento denotado pelo segundo verbo é pontual. Em termos de aspecto, o termo “pontual” pode ser empregado ou em referência à duração, significando “momentâneo” (em oposição a “durativo”) ou em referência à visão, significando “global” (em oposição a “cursivo”), isto é, com ponto inicial e ponto final.

A visão, segundo Coseriu (1977), é uma categoria aspectual especificamente românica que implica a consideração da ação em seu conjunto, de forma global, ou em curso. A visão opõe, portanto, um modo de ver totalizador (global) a um modo de ver particularizador (parcializador). Embora formas verbais simples possam assumir a função de expressar a visão global (como em ESTOU LENDO (parcializante) ~ LEIO (neutral, não parcializante, global)), existem expressões que acentuam o caráter global de uma ação.

Do sentido fundamental de indicação de aspecto global, segundo Coseriu (1977), derivam como efeitos secundários significações como:

³ Sigo Coseriu (1977) ao tomar V1 um verbo auxiliar. Hopper e Traugott (2003) também tratam como auxiliares verbos que ocupam a posição de V1 em perífrase similar no inglês. Os autores fornecem o seguinte exemplo: “I’ll try and contact her” (literalmente “Eu tentei e contatei ela”). Uma discussão a esse respeito pode ser conferida em Tavares (2009a).

decidir-se a, tomar uma resolução, vontade do sujeito de realizar uma ação, resolução súbita; decisão e aceitação definitiva; execução rápida; intensidade; ação repentina ou inesperada; perfectivo com matriz do inesperado, além de valores afetivos de surpresa ou irritação. Coseriu (1977, p. 122) afirma que os falantes poderiam aceitar qualquer um desses matizes como sendo o sentido da perífrase⁴.

Na seção a seguir, abordo a questão da articulação entre V1 e V2 na perífrase V1 (E) V2 em uma proposta alicerçada na interface entre a variação linguística e o processo de mudança por gramaticalização.

Gramaticalização e variação: o caso da perífrase V1 (E) V2

O grau de articulação entre os verbos da perífrase V1 (E) V2 pode ser proveitosamente explorado sob a ótica de uma interface variação-gramaticalização em que o

tratamento da variação linguística pode ser aprimorado com subsídios vindos de estudos sobre a gramaticalização, assim como a análise do processo de gramaticalização pode ser enriquecida com informações provenientes de análises variacionistas (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 35).

A sociolinguística variacionista tem como objeto de estudo a variação linguística, propondo-se a fornecer explicações para o fato de os falantes fazerem uma dada escolha linguística às expensas de outra que poderia ter sido feita no mesmo contexto. Em uma pesquisa variacionista, são investigadas formas variantes, isto é, formas que podem ser alternadamente selecionadas para a codificação de uma variável linguística, alternância essa que se dá de modo regular em termos estatísticos. Variável linguística é um conceito que corresponde ao significado ou função partilhado por duas ou mais formas variantes⁵. IR e PEGAR são aqui tomados como variantes de representação linguística da variável indicação de aspecto global na perífrase V1 (E) V2⁶.

O uso variável de IR e PEGAR pode ter lugar em contextos muito similares, um forte indício de que eles partilham a mesma função. As

⁴ Grilo e Tavares (2013) fazem uma discussão com respaldo quantitativo sobre algumas das “significações” elencadas por Coseriu (1977).

⁵ Para aprofundamento sobre o conceito de variável linguística, confira-se Labov (1978), Watt (2007), Tagliamonte (2012), entre outros.

⁶ Na amostra de dados, apareceu apenas um outro verbo no papel de V1, CHEGAR, que não pôde ser incluído por ter sido pouco recorrente para uma análise estatística visando à obtenção de pesos relativos.

ocorrências a seguir ilustram alguns desses contextos. Em cada par, os verbos nucleares são os mesmos: em (5) e (6), “votar” e, em (7) e (8), “sair (com)”. Outro elemento em comum entre os pares de ocorrências: (5) e (6) foram extraídas de relatos de opinião e (7) e (8) de narrativas de experiência pessoal.

- (5) Eu- eu votei no- no Amim. Porque eu (hes) acho- porque ele era daqui e tudo. Acho que foi, assim, que a gente tinha que botar- sem- sem esperanças, eu sabia que ele não ia ganhar, mas eu **peguei e votei** nele. (VARSUL/Florianópolis)
- (6) A gente vê que nos interiores, quando chega a época de eleição, o que é que faz? Podem ter duas pessoas boas candidatas que acontece o seguinte: eles compra o voto, pega lá, vai, dá um dinheiro e diz: “Olhe, vote em fulano.” Ele **vai e vota**, não sabe pra quê, mas vivem em condições miseráveis. (Discurso & Gramática /Natal)
- (7) Aí eu falei assim: “Não, não vou sair com ele não.” Dando o maior *show* lá, dando o maior *show*. “Não vou sair com ele não.” Aí ele foi chegou perto de mim, descumpri com a minha palavra, **fui e saí** com ele. Aí tá. Depois eu comecei a pensar, né? (Discurso & Gramática /Rio de Janeiro)
- (8) Eu falei assim: “Não, tudo bem. Você faz o que der na sua cabeça.” Foi quando depois de um tempo **ele pegou e saiu** com ela, ficou com ela, namorando ela. Aquilo pra mim foi um choque, foi uma decepção. (Discurso & Gramática /Rio de Janeiro)

A gramaticalização pode ser definida como um

conjunto de processos graduais, tanto semânticos quanto estruturais, através dos quais construções envolvendo itens lexicais particulares são empregadas com frequência crescente e se tornam novas construções gramaticais, em consonância com percursos evolucionários interlinguísticos (TORRES CACOULOS; WALKER, 2011, p. 225).

Tavares (2009b) apresenta evidências de que, em termos semânticos, a trajetória de gramaticalização de IR e PEGAR rumo à função de indicação de aspecto global teve início em usos lexicais com significados concretos – no caso de IR, deslocamento físico de um agente no espaço (“pôr-se na direção (de), dirigir-se a”); no caso de PEGAR, apropriação de um objeto por um agente (“tomar algo com as mãos”).

Em termos morfossintáticos, é possível que a gramaticalização tenha se originado em orações coordenadas com IR e PEGAR utilizados como verbos lexicais nucleares no primeiro membro do par coordenado (como em “João foi para casa e dormiu” e “João pegou a panela e encheu de água”) e culminado em seu emprego como verbos gramaticais auxiliares na perífrase V1 (E) V2 (como em “João foi e dormiu”, “João foi e disse: ‘Nunca mais vou trabalhar’”, “João pegou e dormiu” e “João pegou e disse: ‘Nunca mais vou trabalhar’”).⁷ Os percursos de gramaticalização de IR e PEGAR resultaram em seu emprego como formas variantes de uma mesma variável linguística, a indicação de aspecto global. A variação linguística é um fenômeno regular, e, portanto, pode ser sistematizada e investigada quantitativamente (LABOV, 1972).

Descobertas feitas por pesquisas sobre gramaticalização permitem a proposição de hipóteses sobre trajetórias de mudança passíveis de serem testadas quantitativamente através de análise variacionista. No que se refere ao nível de coesão entre verbos componentes de uma perífrase, vários estudos mostraram que quanto maior o avanço do processo de gramaticalização, mais coesos se tornam esses verbos (HEINE, 1993; LEHMANN, 1992; ANDERSON, 2006, entre outros).

Lehmann (2002, p. 109) postula um princípio que denomina “princípio da autonomia do signo”, segundo o qual a “autonomia de um signo é inversa a sua gramaticalidade, e a gramaticalização prejudica sua autonomia.” Ao longo do processo de gramaticalização de um signo, aumenta a “intimidade com a qual ele é conectado a outro signo com o qual mantém uma relação sintagmática” (LEHMANN, 2002, p. 131)⁸, ou seja, aumenta o seu grau de dependência em relação a outros signos.

Uma das consequências da reinterpretação dos significados lexicais de IR e de PEGAR como gramaticais foi o aumento de dependência desses verbos em relação ao verbo principal. Eles são semântica e sintaticamente inseparáveis de V2: não fazem referência a um evento distinto daquele referido por V2, exibem marcas de tempo, aspecto, modo, pessoa e número idênticas às de V2 e não selecionam argumentos – a estrutura argumental da perífrase é a de V2 (RODRIGUES, 2006; TAVARES, 2009a; COLAÇO, 2010).

Como a gramaticalização é um processo contínuo e gradual, é possível que, mesmo depois de estabelecida como gramatical, uma forma continue a passar por mudanças, entre as quais o aumento na coesão

⁷ Tavares (2009b) detalha possíveis etapas dos processos de gramaticalização de IR e PEGAR que desembocaram em seu uso como V1 na perífrase V1 (E) V2.

⁸ As traduções são de minha responsabilidade.

morfossintática (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BRINTON; TRAUGOTT, 2005). Índícios de desenvolvimentos posteriores da gramaticalização rumo a uma maior integração entre os verbos de uma perífrase podem ser obtidos pelo controle de fatores aptos a mensurar graus de vinculação. Selecionei três fatores para exame: presença da conjunção E entre V1 e V2, presença de pausa entre V1 e V2 e material interveniente entre V1 e V2.

Controlei também as comunidades de fala de onde vieram os dados, pois “sua frequência relativa e a distribuição sociolinguística (das variantes) pode variar ao longo do espaço geográfico”, o que pode significar que “as variantes podem estar mais socialmente difusas e mais gramaticalizadas em algumas variedades do que em outras” (PICHLER, 2013, p. 14). A comparação da distribuição de formas variantes em comunidades distintas pode revelar se tais formas estão em diferentes etapas de seu processo de gramaticalização, apontando qual das comunidades está mais adiantada nesse processo.

Na próxima seção, apresento os procedimentos metodológicos que guiaram a pesquisa: (i) organização da amostra de dados, (ii) codificação dos dados e (iii) análise estatística.

Procedimentos metodológicos

Foram utilizadas amostras de fala provenientes dos seguintes *corpora*: *Discurso & Gramática*, correspondentes às cidades do Natal (RN) e do Rio de Janeiro (RJ) (CUNHA, 1998; VOTRE; OLIVEIRA, 1995); e Banco de Dados *Variação Linguística da Região Sul* (VARSUL), correspondente à cidade de Florianópolis (SC). A escolha desses *corpora* pautou-se em sua disponibilidade, em seu período similar de constituição (década de 1990) e no interesse da pesquisa em comparar dados provindos de diferentes regiões brasileiras.

O total de informantes selecionados foi 24, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – Distribuição dos informantes de acordo com as células sociais

(NÍVEL DE ESCOLARIDADE / IDADE)	SEXO	
	FEMININO	MASCULINO
Alfabetização infantil / 5 a 8 anos	3	3
4 ^a série ensino fundamental / 9 a 11 anos	3	3
8 ^a série ensino fundamental / 13 a 16 anos	3	3
9 ^a série ensino médio / 18 a 21 anos	3	3

Fonte: elaborado pela autora.

Os informantes do *corpus Discurso & Gramática* produziram textos dos seguintes gêneros/seqüências textuais: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. Cada informante produziu cinco textos falados e suas respectivas versões escritas. Extraí dados apenas de fala. O Banco de Dados VARSUL referente a Florianópolis, unicamente de fala, é constituído por entrevistas sociolinguísticas. Nessas entrevistas, extraí os dados dos trechos que contêm os mesmos gêneros/seqüências textuais que integram o *corpus Discurso & Gramática*, o que facilita a comparação⁹.

Na constituição do *corpus Discurso & Gramática*, os informantes foram avisados, de antemão, que seriam solicitados a produzir textos orais e escritos de cinco tipos distintos. Durante a entrevista, os indivíduos foram diretamente instados pelo entrevistador a essa produção através de comandos como “Hoje nós vamos fazer uma descrição: você pode me descrever um lugar em que você gosta de ficar, com muitos detalhes.” (CUNHA, 1998, p. 35). Já nas entrevistas para o Banco de Dados VARSUL, o entrevistador estimulou a produção de tipos textuais variados de modo indireto, através de perguntas como “Conta alguma coisa divertida que aconteceu quando tu eras criança”, “Como é a parte da casa em que tu mais gostas de estar?” ou “Qual é a tua opinião sobre a situação política do Brasil?” (TAVARES, 2015, p. 181).

Cada uma das ocorrências de IR e PEGAR no papel de V1 foi codificada quanto a dezesseis fatores: comunidade de fala, escolaridade/idade do informante, sexo do informante, gênero/seqüência textual, pontualidade do evento referido por V2, subaneidade do evento referido por V2, previsibilidade do evento referido por V2, natureza da avaliação do falante relativamente ao evento referido por V2, tomada de iniciativa à ação por parte do sujeito da perífrase, relação com a progressão do tópico/assunto, traço semântico de V2, tempo dos verbos que compõem a perífrase, presença de pausa entre V1 e V2, extensão da pausa, presença da conjunção E entre V1 e V2, presença de material interveniente entre V1 e V2.

A seguir, os dados foram submetidos à análise estatística através do programa GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para obtenção de: (i) frequências e pesos relativos indicadores da influência exercida pelos fatores controlados sobre a seleção de IR e PEGAR feita pelos informantes e (ii) ordem de significância de cada um dos fatores para essa seleção.

⁹ Mais informações sobre os *corpora* podem ser obtidas em <www.discursoegramatica.clic3.net> e em <<http://www.cce.ufsc.br/~varsul/objetivo.htm>>.

Sete fatores foram selecionados como significativos pelo *software* GOLDVARB X: comunidade de fala, idade/escolaridade do informante, gênero textual, traço semântico de V2, tempo dos verbos que compõem a perífrase, presença de pausa entre V1 e V2, presença da conjunção E entre V1 e V2.

No que tange aos fatores não selecionados como relevantes, trata-se daqueles em que o comportamento de IR e de PEGAR é idêntico ou muito similar em termos de frequência e peso relativo. Esses fatores revelam que esses verbos têm, de fato, a mesma natureza funcional: eles desempenham a mesma função e, assim, naturalmente, muitas das propriedades morfo-sintáticas, semântico-pragmáticas e entoacionais características do uso de cada verbo são as mesmas ou bastante semelhantes.

Neste estudo, apresento os resultados referentes aos fatores comunidade de fala (Natal, Rio de Janeiro e Florianópolis), presença da conjunção E entre V1 e V2, presença de pausa entre V1 e V2 e presença de material interveniente entre V1 e V2. Embora este último não tenha sido reportado como significativo pelo programa estatístico, os resultados obtidos pelo seu controle fornecem importantes indícios no que diz respeito ao grau de coesão entre os verbos integrantes da perífrase V1 e V2.

A distribuição geral de IR e PEGAR foi a seguinte:

Quadro 2 – Distribuição geral de IR e PEGAR

VERBO	Freq.	%
IR	89	48
PEGAR	97	52
TOTAL	186	100

Fonte: elaborado pela autora.

Pela quantidade de dados obtidos, não seria possível realizar rodadas estatísticas que fornecessem pesos relativos para cada comunidade de fala em separado, razão pela qual foram realizadas rodadas tomando o conjunto das três comunidades. Contudo, semelhanças e diferenças referentes a cada comunidade de fala são apontadas para cada um dos grupos de fatores testados.

Na sequência, passo à descrição e à análise dos resultados referentes aos fatores *comunidade de fala*, *presença de conjunção entre V1 e V2*, *presença de pausa entre V1 e V2* e *presença de material interveniente entre V1 e V2*.

Descrição e análise dos resultados

O uso de PEGAR e IR como aspectualizadores globais foi herdado pelo português brasileiro do português europeu, o qual, segundo Coseriu (1977), recebeu a perífrase V1 (E) V2 do latim. Ou seja, trata-se de uma perífrase antiga no português, e PEGAR e IR são utilizados como formas de codificação de aspecto global possivelmente há bastante tempo.

Sendo assim, a etapa de gramaticalização de PEGAR e IR aqui posta em relevo não é a de sua emergência no domínio da aspectualização global, e sim uma etapa em que esses verbos já estão consolidados, rotinizados como indicadores de aspecto global. Apesar disso, os resultados podem trazer indícios de mudança em termos de andamento do processo de gramaticalização de um ou de ambos os verbos no que se refere ao grau de integração.

Dada à natureza comparativa deste estudo, optei por avaliar em primeiro lugar os resultados referentes à comunidade de fala. Na sequência, abordo os resultados referentes à presença de conjunção E entre V1 e V2, à presença de pausa entre V1 e V2, apresentando também, para cada um desses fatores, um cruzamento com a comunidade de fala, com o intuito de mostrar semelhanças e diferenças entre as três comunidades consideradas. Por fim, trato dos resultados referentes à presença de material interveniente entre V1 e V2.

Comunidade de fala

Tabela 1 – Distribuição de PEGAR e IR quanto à comunidade de fala

COMUNIDADE	PEGAR			IR		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Natal	25/47	53	0.54	22/47	47	0.45
Rio de Janeiro	28/74	38	0.31	46/74	62	0.68
Florianópolis	44/65	68	0.68	21/65	32	0.31
TOTAL	97/186	52		89/186	48	

Fonte: elaborada pela autora.

Em Natal, verifica-se um pequeno favorecimento ao uso de PEGAR (frequência de 53% e peso relativo de 0.54). Em Florianópolis, PEGAR também é favorecido, mas de modo mais intenso (68% e 0.68). Em contraste, no Rio de Janeiro, há uma inclinação a maior uso de IR (62% e 0.68).

Portanto, Natal e Florianópolis assemelham-se quanto ao verbo que mais frequentemente é empregado como V1 – PEGAR –, embora esse condicionamento positivo seja mais leve em Natal, havendo, nessa comunidade, pouca diferença entre frequências e pesos relativos entre PEGAR e IR. O Rio de Janeiro, diferentemente, é uma comunidade que dá preferência ao emprego de IR, contrastando bastante, em termos de frequência e pesos relativos, com a comunidade de Florianópolis.

Estaria a gramaticalização de um dos verbos aspectualizadores globais mais avançada em alguma das três comunidades? Os fatores examinados a seguir trazem importantes elementos para que seja traçada uma resposta a essa indagação.

Presença da conjunção E entre V1 e V2

Tabela 2 – Distribuição de PEGAR e IR quanto à presença da conjunção E

CONJUNÇÃO	PEGAR			IR		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Presente	51/80	64	0.73	29/80	36	0.27
Ausente	46/106	43	0.32	60/106	57	0.67
TOTAL	97/186	52		89/186	48	

Fonte: elaborada pela autora.

Na perífrase [V1 (E) V2], V1 e V2 podem vir conectados através da conjunção E ou justapostos, sem a ocorrência da conjunção. Os resultados obtidos revelam que, quando a conjunção E está presente, interligando V1 e V2, temos privilegiado o emprego de PEGAR como V1. Como contraparte, quando a conjunção E não está presente, temos maior ocorrência de IR como V2.

A ausência da conjunção E acarreta maior amarramento entre V1 e V2, o que significa que, quando a perífrase sob enfoque é construída por justaposição, podemos estar diante de um uso que representa um estágio mais adiantado do processo de gramaticalização dos verbos aspectualizadores globais relativamente àqueles casos em que a perífrase apresenta a conjunção E. Sendo assim, talvez IR esteja se desenvolvendo mais rapidamente em seu processo de gramaticalização, posto que IR é mais frequente que PEGAR quando há justaposição de V1 a V2.

É importante notar que o fato de a conjunção E poder ser omitida na perífrase V1 (E) V2 não parece ser capaz de levar a diferentes interpretações (a esse respeito, conferir também Rodrigues (2006) e Colaço (2010)).

Vejamos, a seguir, o cruzamento do fator presença da conjunção E entre V1 e V2 com o fator comunidade de fala:

Tabela 3 – Cruzamento da comunidade de fala com a presença da conjunção E

		Com conjunção		Sem conjunção	
		Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
NATAL	PEGAR	15/27	56	10/20	50
	IR	12/27	44	10/20	50
RIO	PEGAR	8/17	47	20/57	35
	IR	9/17	53	37/57	65
FPOLIS	PEGAR	28/36	78	16/29	55
	IR	8/36	22	13/29	45

Fonte: elaborada pela autora.

Nos casos em que a conjunção E está presente, há maior uso de PEGAR em Natal e em Florianópolis, ao lado de maior uso de IR no Rio de Janeiro, embora, nesta comunidade de fala, haja poucas diferenças nas frequências e percentuais de ambos os verbos. Nos casos em que a conjunção E está ausente, temos um contraste entre Rio de Janeiro, com maior incidência de IR, e Florianópolis, com maior incidência de PEGAR. Por sua vez, Natal não mostra diferença, com frequência de 50% para PEGAR e para IR. O que tais diferenças podem significar em termos de gramaticalização?

Os resultados da próxima subseção, dedicada à presença ou não de pausa entre V1 e V2 contribuem para uma análise mais detalhada do significado, em termos de gramaticalização, dos resultados referentes à presença ou não da conjunção E entre V1 e V2.

Presença da pausa entre V1 e V2

Tabela 4 – Distribuição de PEGAR e IR quanto à presença de pausa

PAUSA	PEGAR			IR		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Ausente	63/130	48	0.35	67/130	52	0.64
Presente	34/56	61	0.80	22/56	39	0.20
TOTAL	97/186	52		89/186	48	

Fonte: elaborada pela autora.

A presença de pausa entre V1 e V2 favorece o emprego de PEGAR, com frequência de 61% e peso relativo de 0.80. Em contraste, a ausência de pausa entre V1 e V2 favorece a utilização de IR, com frequência de 52% e peso relativo de 0.64. Quando não há pausa entre os verbos que compõem uma perífrase, o grau de integração entre ambos é maior. Assim, talvez IR, por predominar em perífrases sem pausa, esteja mais avançado que PEGAR em termos de gramaticalização.

Entre os fatores que controlei está a duração da pausa, com quatro possibilidades: pausa curta, pausa média, pausa longa e sem pausa. Em todos os 56 casos de presença de pausa, houve pausa curta – mais um indício de maior grau de integração dos verbos V1 e V2 – e, em decorrência, de gramaticalização da perífrase V1 (E) V2 no português brasileiro.

Vejam, a seguir, o cruzamento do grupo de fatores presença de pausa entre V1 e V2 com o grupo de fatores comunidade de fala:

Tabela 5 – Cruzamento da comunidade de fala com a presença de pausa

		Sem pausa		Com pausa	
		Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
NATAL	PEGAR	17/33	52	8/14	57
	IR	16/33	48	6/14	43
RIO	PEGAR	10/43	23	18/31	58
	IR	33/43	77	13/31	42
FPOLIS	PEGAR	36/54	67	8/11	73
	IR	18/54	33	3/11	27

Fonte: elaborada pela autora.

Quando há pausa entre V1 e V2, PEGAR é mais recorrente, independentemente da comunidade de fala, seguindo, pois, o padrão observado para a totalidade da amostra. Quando não há pausa entre V1 e V2, PEGAR aparece mais do que IR em Natal e, de modo mais significativo, em Florianópolis, ao passo que IR é mais empregado no Rio de Janeiro. Uma vez que esses resultados apontam IR como o verbo aspectualizador mais integrado a V2 apenas no Rio de Janeiro, talvez essa comunidade de fala esteja liderando um possível avanço dessa forma em termos de maior vinculação com V2.

Para observar de modo mais detalhado os graus de integração entre V1 e V2 na perífrase em tela, realizei um cruzamento do grupo de fatores presença de pausa entre V1 e V2 com o grupo de fatores presença da conjunção E entre V1 e V2. Os resultados estão dispostos na tabela a seguir:

Tabela 6 – Cruzamento da presença de pausa com a presença da conjunção E

		Com conjunção		Sem conjunção	
		Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Sem pausa	PEGAR	51/80	64	12/50	24
	IR	29/80	36	38/50	76
Com pausa	PEGAR	0/0	0	34/56	61
	IR	0/0	0	22/56	39

Fonte: elaborada pela autora.

PEGAR é mais frequente quando a conjunção E está presente, mas não há pausa, ao passo que IR é mais frequente quando não há conjunção nem pausa. Quando há pausa, mas não conjunção, o predomínio é do verbo PEGAR.

São quatro as combinações no que tange à pausa e à conjunção:

- Perífrase com pausa e com conjunção E: não houve dados desse tipo – essa é possibilidade que revela o menor grau de integração (e, portanto, de menor gramaticalização), pois V1 e V2 estariam distanciados pela presença da conjunção e da pausa.
- Perífrase sem pausa e com conjunção E: predomínio de PEGAR – essa possibilidade é intermediária quanto ao grau de integração.
- Perífrase com pausa e sem conjunção E: predomínio de PEGAR – essa possibilidade é intermediária quanto ao grau de integração.
- Perífrase sem pausa e sem conjunção E: predomínio de IR – essa possibilidade é a que apresenta o maior grau de integração, pois V1 e V2 estão mais unidos sintática e entoacionalmente.

A avaliação em conjunto dos fatores presença de pausa entre V1 e V2 e presença de conjunção E entre V1 e V2 deixa vir à tona que IR é o verbo que mostra os maiores graus de integração a V2, ao passo que PEGAR manifesta graus intermediários de integração. Nessa ótica, IR parece estar em um estágio mais acelerado de mudança levando-se em conta que maiores graus de integração indicam gramaticalização mais avançada.

Presença de material interveniente

Ao examinar a possibilidade de ocorrência de material linguístico interveniente entre IR ou PEGAR e o segundo verbo da perífrase sob enfoque, constatei que a grande maioria dos casos não apresenta nenhum material interposto, o que ressalta, mais uma vez, a existência de uma forte integração entre ambos os verbos. Houve material interveniente em apenas quatro casos, em que o elemento intercalado entre IR ou PEGAR e V2 foi o pronome pessoal do caso oblíquo “me” (como em “aí ela foi me contou assim” (Discurso & Gramática /Natal)).

Nos quatro casos de intercalação da amostra, o elemento interveniente, o pronome “me”, é argumento objeto direto do verbo principal (V2) e não dos verbos auxiliares (IR ou PEGAR). Isso é mais uma evidência do alto grau de gramaticalização desses verbos: eles não possuem mais suas propriedades sintáticas de verbo pleno, posto que não selecionam nem sujeito, nem nenhum outro tipo de argumento. É o verbo principal o único responsável por essa seleção (cf. TAVARES, 2009a).

No tocante à intercalação de material entre um verbo auxiliar e seu verbo principal, como seu vínculo se encontra interrompido por um item linguístico, há menor integração entre esses verbos. Entretanto, nos casos de intercalação observados na amostra, todos envolvendo o pronome “me”, não temos de fato a presença de um material interveniente, pois esse pronome é argumento objeto direto de V2 utilizado em próclise, isto é, antecedendo V2. Esse é um comportamento esperado para as perífrases do português (por exemplo, em “João vai se divertir” e “Joana deve me acordar cedo amanhã.”). Ou seja, a presença desse tipo de pronome entre IR ou PEGAR e V2 não implica menor integração entre eles.

Considerações finais

Em síntese, os resultados obtidos foram: (i) presença da conjunção E entre V1 e V2: a maior parte das ocorrências da perífrase sob enfoque é sem conjunção; (ii) presença de pausa entre V1 e V2: a maior parte das ocorrências da perífrase sob enfoque é sem pausa; e (iii) presença de material interveniente: houve apenas quatro ocorrências de material interveniente, todas possíveis com as perífrases típicas do português. Esses resultados revelam a existência de um alto grau de integração entre os verbos aspectualizadores PEGAR e IR e V2, o verbo principal da perífrase V1 (E) V2, o que pode ser interpretado como evidência de que dessa perífrase está bastante gramaticalizada nas três comunidades de fala averiguadas, independentemente de qual seja o verbo que ocupa a posição de V1.

No entanto, foram observadas diferenças na distribuição de IR e PEGAR nas três comunidades de fala que são bastante significativas no que diz respeito aos processos de gramaticalização desses verbos como aspectualizadores globais. No Rio de Janeiro, IR, ao contrário do que acontece nas outras duas comunidades, é um pouco mais frequente na perífrase com a conjunção E do que PEGAR e é bastante mais frequente na perífrase sem a conjunção, o que pode ser tomado como um indicador de um maior avanço em seu processo de gramaticalização na comunidade de fala em apreço. Em contraste, PEGAR pode estar mais gramaticalizado em Florianópolis, já que recebe destaque tanto na perífrase com a conjunção E quanto sem ela. Em Natal, a gramaticalização de ambos os verbos pode estar *pari passu*, dadas as poucas diferenças encontradas.

Concluo apontando que análises realizadas na perspectiva de interface variação-gramaticalização trazem contribuições em mão dupla. Do ponto de vista da sociolinguística variacionista, explorar quantitativamente proposições advindas de pesquisas sobre a gramaticalização pode fundamentar explicações mais completas para fenômenos de variação linguística que envolvem formas variantes oriundas de processos de gramaticalização. Do ponto de vista da gramaticalização, a investigação variacionista permite a obtenção de informações mais detalhadas sobre o ritmo do andamento de percursos de gramaticalização em uma comunidade de fala ou, comparativamente, em mais de uma comunidade de fala.

Referências

- ANDERSON, G. D. S. **Auxiliary verb constructions**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- BORBA, F. S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.
- BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. C. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- COLAÇO, M. Construções com constituintes verbais coordenados em PE. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 25., 2010, Porto. **Textos selecionados...** Porto: APL, 2010. p. 307-321.
- COSERIU, E. “Tomo y me voy”: un problema de sintaxis comparada europea. In: _____. **Estudios de lingüística románica**. Madri: Guedos, 1977. p. 79-151.
- CUNHA, M. A. F. (Org.) **Corpus Discurso & Gramática**: a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EDUFRN, 1998.
- DUTRA, R. **O falante gramático**: introdução à prática de estudo e ensino do português. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.
- GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; REZENDE, T. F. (Orgs.) **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2017. p. 35-63.
- GRILO, D. S.; TAVARES, M. A. Uso do verbo PEGAR na perífrase [PEGAR (E) V2]: traços semântico-pragmáticos. **Odisseia**, Natal, n. 10, p. 103-119, 2013.
- HEINE, B. **Auxiliares**: cognitive forces and grammaticalization. New York: Oxford University Press, 1993.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**, Southwest Educational Development Laboratory, Austin, n. 44, 1978.
- LEHMANN, W. P. **Workbook for historical linguistics**. Dallas: SIL/University of Texas, 1992.
- _____. **Thoughts on grammaticalization**. 2nd ed. Erfurt: Universität Erfurt, 2002.

LICHTENBERCK, F. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.) **Approaches to grammaticalization**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 37-79.

MERLAN, A. Sobre as chamadas perífrases verbais paratáticas do tipo PEGAR E + V2 nas línguas românicas. **Línguas e Literaturas**, Porto, v. XVI, p. 159-205, 1999.

PICHLER, H. **The structure of discourse-pragmatic variation**. Amsterdam: John Benjamins, 2013.

RODRIGUES, A. T. C. **“Eu fui e fiz esta tese”**: as construções do tipo FOI FEZ no português do Brasil. 2006. 222 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em: 24 out. 2017.

SIGILIANO, N. **“O telefone toco eu peguei e:: quem ta falano?”** A polissemia do verbo PEGAR. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

TAGLIAMONTE, S. A. **Variationist sociolinguistics**: change, observation, interpretation. Cambridge: Wiley-Blackwell, 2012.

TAVARES, M. A. “Eu pego e estudo para a prova”: verbo auxiliar? In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (Orgs.). **Pesquisa em linguística funcional**: convergências e divergências. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009a. p. 43-51.

_____. “Aí ela foi na delegacia”/“Aí ele foi e disse”: indícios sincrônicos de gramaticalização. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. HORA, D. (Org.). **Anais...** João Pessoa, 2009b. p. 2059-2066.

_____. Textos de diferentes gêneros produzidos em entrevistas sociolinguísticas: o caso do banco de dados VARSUL. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 2, p. 176-194, 2015.

TORRES CACOULOS, R.; WALKER, J. A. Collocations in grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 225-238.

VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. (Coords.). **A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro**: materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: Impresso, 1995.

WATT, D. Variation and the variable. In: LLAMAS, C.; MULLANY, L.; STOCKWELL, P. (Eds.) **The Routledge companion to sociolinguistics**. New York: Routledge, 2007. p. 3-11.